

XXVI.

CIGA: Projecto de sistematização para a cerâmica islâmica do Gharb al-Ândalus

Jacinta Bugalhão¹

Helena Catarino²

Sandra Cavaco³

Jaquelina Covaneiro³

Isabel Cristina F. Fernandes⁴

Ana Gomes⁵

Susana Gómez Martínez⁵

Maria José Gonçalves⁶

Mathieu Grangé⁷

Isabel Inácio⁸

Gonçalo Lopes⁸

Constança Santos⁸

Resumo

Nos últimos vinte anos, assistimos a um grande desenvolvimento da investigação acerca da cerâmica islâmica do Gharb al-Ândalus. Esta investigação foi desenvolvida a partir de iniciativas particulares, sem uma organização articulada de objectivos e estratégias de pesquisa. Actualmente, dispomos de uma informação desigual do ponto de vista geográfico, mas que já permite reunir dados de todas as áreas do território português em que o domínio islâmico perdurou até mais tarde.

O Grupo de Trabalho CIGA está a desenvolver uma síntese dos conhecimentos disponíveis sobre a cerâmica islâmica do Gharb al-Ândalus, com o objectivo de verificar a existência de grupos cerâmicos coerentes no que respeita à distribuição geográfica, forma, técnicas de fabrico e ornamentação. Um factor especialmente interessante a equacionar é o contexto socioeconómico dos sítios de proveniência dos materiais em estudo, verificando-se uma acentuada diferença entre contextos rurais e urbanos, mais intensa em períodos cronológicos mais recuados e mais ténue no final do domínio islâmico.

Nesta comunicação apresenta-se um ponto de situação relativamente ao avanço dos trabalhos do projecto, numa fase ainda embrionária da investigação.

Abstract

Over the last twenty years, we have seen a great growth in the investigation of Islamic ceramics of the Gharb al-Ândalus. This inquiry sprang from individual initiatives, without a combined organisation of objectives and strategies of research. Today, information is available to us that is uneven from the geographical point of view but which already allows us to assemble data from all areas of Portuguese territory in which Islamic rule survived until its latter stages.

The CIGA Work Group is assembling a synthesis of available information about Islamic ceramics of the Gharb al-Ândalus with the objective of ascertaining the existence of coherent ceramic groupings with respect to geographic distribution, form, techniques of manufacture and decoration. An especially interesting aspect to consider is the socioeconomic context of the places of provenance of the materials under study, a marked difference emerging between rural and urban contexts, more intense for earlier chronological periods and more subtle at the end of Islamic rule.

Presented here is a situation report relative to the progress of the works of the project which is still in the embryonic phases of inquiry.

¹ Câmara Municipal de Cascais / CEAUCP-CAM

² FLUC / CEAUCP-CAM

³ Câmara Municipal de Tavira / CEAUCP-CAM

⁴ Museu Municipal de Palmela / CEAUCP-CAM

⁵ Investigadora do Programa Ciência 2008 / Fundação para a Ciência e a Tecnologia / CEAUCP-CAM

⁶ Câmara Municipal de Silves / CEAUCP-CAM

⁷ Doutorando da Universidade Paris 1. Bolsheiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia / CEAUCP-CAM

⁸ CEAUCP-CAM

I. Introdução

Pelo acrónimo CIGA designamos um projecto que agrupa investigadores empenhados no estudo da Cerâmica Islâmica do Gharb al-Ândalus como um todo, e não apenas em estudos parciais das colecções de um determinado sítio.

O grupo nasceu da preocupação de alguns dos seus membros relativamente à estagnação dos estudos de cerâmica islâmica. Muito embora nos últimos 25 anos se tenha assistido a um número cada vez maior destes estudos, especialmente a partir de 1987, data do IV Congresso Internacional de Cerâmica do Mediterrâneo Ocidental (CICMM, 1991), o número de publicações sobre este tema tem diminuído consideravelmente no início do presente século.

É também de salientar que o desenvolvimento da investigação não tem sido uniforme no território português, nem se têm verificado tentativas de síntese da investigação. Com efeito, tem ocorrido uma desigual evolução da investigação pelas diversas regiões. Os estudos cerâmicos mais desenvolvidos centraram-se, sobretudo, em Lisboa (Bugalhão *et alii*, 2008; Gomes *et alii*, 2005), Santarém (Ramalho *et alii*, 2001; Viegas e Arruda, 1999), na Península de Setúbal (Fernandes, 2004) e vale do Sado (Paixão e Carvalho, 2001), em Mértola (Gómez, 2006), na serra algarvia (Catarino, 1997-1998), em Tavira (Basílio, Neves e Almeida, 2006; Maia *et alii*, 2003 e Cavaco e Covaneiro, 2010), em Vilamoura (Matos, 1991) e em Silves (Gomes, 2003; 2006). No restante território, a investigação tem decorrido de forma irregular, de intervenções com carácter pontual e/ou de emergência.

A esta desigualdade quanto ao conhecimento das cerâmicas, acresce desigual conhecimento para cada período cronológico visado. Na verdade, os cinco séculos de ocupação islâmica no actual território português reflectem, necessariamente, diferentes momentos políticos e vivenciais do al-Ândalus, sendo que um dos períodos mais obscuros coincide com os primeiros dois séculos de domínio muçulmano, sobre os quais detemos escassas informações.

No que diz respeito a temáticas concretas relacionadas com a cerâmica, tais como a funcionalidade dos objectos, ou a sua produção, distribuição e comércio com outras regiões, os estudos são ainda mais reduzidos. No que se refere às produções, apenas as de Lisboa têm sido objecto de estudo regional, confrontando as evidências de peças provenientes da escavação de fornos com os respectivos resultados de análises laboratoriais (Dias, Prudêncio e Gouveia, 2001; Dias *et alii*, 2009).

Continuam, portanto, abertas numerosas lacunas que este grupo de investigação pretende vir a colmatar, através da compilação da díspar e dispersa informação já publicada, e da sistematização e uniformização de modelos descritivos e gráficos, tornando-os também mais uniformes. Torna-se igualmente necessário conhecer melhor as diferentes realidades de produção e circulação, conjugando as componentes espaço e tempo.

II. Objectivos Genéricos

De acordo com o panorama geral antes descrito, definimos os seguintes objectivos genéricos:

1. Criação dum *corpus* da cerâmica islâmica do Gharb al-Ândalus que reúna, sistematize e unifique a informação existente.
2. Definição de grupos cerâmicos coerentes dos pontos de vista morfológico, técnico e ornamental.
3. Elaboração duma cartografia diacrónica desses grupos cerâmicos.
4. Aproximação à definição de produções a partir da distribuição desses grupos cerâmicos.
5. Definição de produções a partir de análises de pastas.

Necessariamente que, para atingir estes objectivos, a definição de uma metodologia comum era um passo prévio obrigatório. Foi esta, portanto, a primeira tarefa desenvolvida pelo grupo, cujos resultados expomos neste artigo.

III. Metodologia de Estudo - *Corpus* - Base de Dados

Um dos mais importantes instrumentos de trabalho do grupo é a produção de um *Corpus* da Cerâmica Islâmica do Gharb al-Ândalus. Nele pretendemos reunir os exemplares mais significativos do acervo de cerâmicas islâmicas do Ocidente da Península Ibérica, tanto pela sua representatividade morfológica, técnica ou ornamental, como pela informação contextual que lhe está associada. Como é óbvio, não é nossa pretensão realizar o inventário completo e exaustivo de todos os objectos cerâmicos do período islâmico provenientes deste território, mas recolher os que identifiquem o conjunto das variantes cerâmicas conhecidas no mesmo.

A selecção dos objectos a registar é definida por um conjunto de critérios:

- a. Representatividade do objecto em relação a um grupo tipologicamente coerente.
- b. Grau de integridade do objecto. Dar-se-á preferência aos objectos completos, evitando dúvidas e lacunas na informação.
- c. Serão seleccionados também os fragmentos de objectos que sejam especialmente significativos pelas suas características formais, técnicas ou ornamentais, sempre que não existam outros mais completos.
- d. Dar-se-á prioridade às peças provenientes de contextos fiáveis estratigráficamente, em detrimento de achados antigos ou casuais, ou provenientes de níveis de enchimento ou revolvimento.
- e. Evitar-se-ão, na medida do possível, peças de cronologia duvidosa ou desconhecida.

Para a construção do *corpus* concebemos uma base de dados informatizada onde registamos de forma sistemática a informação existente. Esta base de dados pretende reunir tanto a informação de carácter intrínseco dos objectos, como a sua informação contextual básica.

Mas, a informatização de dados, para ser eficaz, exige rigor e precisão dos termos. A uniformidade e, sobretudo, a concordância inequívoca do nome e do objecto a que se refere, assim como a definição rigorosa dos elementos designados por cada termo, são imprescindíveis para um correcto cruzamento dos dados fornecidos por diversos investigadores ou provenientes de várias estações arqueológicas. Deste modo, elaboramos listagens ilustradas das

variantes definidas para cada um dos campos da base de dados, de modo a reduzir, o mais possível, a subjectividade das descrições.

Passaremos a descrever a estrutura da base de dados e respectivas variantes:

1. IDENTIFICADORES

Sob esta epígrafe reunimos três campos imprescindíveis para a identificação do objecto:

1.1. Nº de Ficha

Número atribuído a cada objecto dentro do *corpus*. Campo numérico de preenchimento livre.

1.2. Localização

Instituição ou local onde o objecto se encontre depositado. Tratar-se-á de um museu ou de uma coleção de uma instituição pública ou privada. Esta informação pode, por vezes, não estar especificada nas publicações que fazem referência a uma peça. Nesse caso, poderá optar-se por identificar a pessoa ou instituição responsável pelo achado, ou simplesmente registar "Desconhecida". Campo de texto de preenchimento livre.

1.3. Nº de inventário

Elemento de identificação atribuído pela instituição onde se encontre depositado ou pela pessoa responsável pelo seu estudo ou inventariação. Quando este não se encontre registado no texto onde a peça foi publicada, poderá ser utilizado o elemento de identificação constante na publicação, fazendo referência à mesma pelo sistema de citação americano (AUTOR, ANO: PÁGINA) que terá a sua correspondência na base de dados bibliográfica do próprio *corpus*. Campo de texto de preenchimento livre.

2. PROVENIÊNCIA DO ACHADO

Neste apartado reúnem-se vários campos destinados à caracterização do contexto de achado de cada objecto:

2.1. Sítio arqueológico

Denominação corrente do sítio de achado do objecto. Campo de texto de preenchimento livre.

2.2. CNS

Sigla relativa a Código Nacional de Sítio, que corresponde ao número de identificação do sítio no *Endovélico*, base de dados de sítios arqueológicos do IGESPAR. Campo numérico de preenchimento livre.

2.3. Responsável científico

Pessoa responsável pela escavação arqueológica que deu lugar ao achado do objecto. Campo de texto de preenchimento livre.

2.4. Responsável pelo estudo

Autor do estudo que deu lugar à publicação do objecto. Campo de texto de preenchimento livre.

2.5. Região

Região correspondente à classificação NUTII (Norte, Centro, Lisboa e Vale do Tejo, Alentejo e Algarve) onde onde foi encontrado o objecto. Variantes pré-definidas.

2.6. Distrito

Distrito onde foi encontrado o objecto. Variantes pré-definidas.

2.7. Concelho

Concelho onde foi encontrado o objecto. Variantes pré-definidas.

2.8. Freguesia

Freguesia onde foi encontrado o objecto. Variantes pré-definidas.

2.9. Tipo de sítio

Caracterização genérica do sítio. Variantes pré-definidas:

- Rural
- Urbano

2.9.1. Urbano

Tipo de local de achado dentro de um contexto urbano. Variantes pré-definidas:

- Alcáçova
- Medina
- Arrabalde
- Indeterminado

2.9.2. Rural

Tipo de local de achado dentro de um contexto rural. Variantes pré-definidas:

- Aldeia
- Alcaria
- Castelo
- Indeterminado

2. 10. Contexto

Contexto genérico de achado do objecto.

Variantes pré-definidas:

- Ocupação
- Abandono
- Ocultação
- Lixeira
- Aterro
- Indeterminado

2. 11. Fiabilidade estratigráfica

Classificação atribuída à fiabilidade do contexto para efeitos da sua atribuição cronológica e contextual. Quando a fiabilidade estratigráfica não venha especificada pelos autores do texto onde o objecto foi publicado, o autor da ficha do *corpus* avaliará essa fiabilidade com os dados disponíveis, sendo que os achados casuais, os objectos encontrados em contextos de aterro com alto grau de revolvimento diacrónico, e os objectos de proveniência desconhecida serão considerados de baixa fiabilidade estratigráfica.

Variantes pré-definidas:

- Alta
- Média
- Baixa

Seguem os campos destinados à descrição do objecto em causa.

2.12. Grau de integridade da peça

Especifica que partes do objecto se conservam.

Variantes pré-definidas:

- Fragmento
- Perfil completo
- Peça

3. FORMA FUNCIONAL

No caso da cerâmica islâmica do Gharb al-Ándalus, já foi esboçada uma proposta de terminologia para os objectos, de acordo com a sua forma e funcionalidade (Torres, Gómez e Ferreira, 2003). Adoptámos os mesmos critérios que nortearam a selecção dos termos nesse trabalho:

- a. Em primeiro lugar e regra geral deve ser usada na actual língua portuguesa, de modo a que o neófito não encontre muitas dificuldades em identificar o objecto em estudo.
- b. Sempre que existam e sejam de uso corrente, pelo menos entre os especialistas, terão preferência os arabismos em vez de vocábulos de criação ou introdução recente.
- c. No caso de não existirem, na linguagem corrente, termos de feição árabe ou moçárabe para o objecto em causa, dar-se-á prioridade, conforme o caso, aos termos menos ambíguos, aos mais usados pelos investigadores, aos de maior difusão peninsular ou aos de mais antiga tradição linguística, sendo a escolha, de modo geral, feita de acordo com a história da palavra e do objecto.

A classificação que seguimos responde a critérios de aproximação à funcionalidade do objecto, seguindo a prática habitual nos estudos de cerâmica islâmica iniciada por Guillermo Rosselló-Bordoy (1978 e 1991). Dividimos os objectos em grandes famílias, dentro das quais distinguimos algumas variantes, como seguidamente se apresenta:

3.1. Forma funcional

Variantes pré-definidas:

- Armazenamento e transporte
- Louça de Cozinha
- Louça de Mesa
- Objectos de iluminação
- Objectos de uso doméstico
- Objectos de uso agrícola e artesanal
- Objectos de uso lúdico e ritual
- Material de construção

3.1.1. Armazenamento e transporte

Variantes pré-definidas: (Figura 1)

- **Talha:** Forma fechada de grandes dimensões,

de altura superior a 50 centímetros.

- **Supporto de talha:** Forma cilíndrica e de grande estabilidade para suportar a talha.
- **Tampa de talha:** Forma discóide para tapar a talha.
- **Pote:** Forma fechada, de corpo geralmente ovóide ou globular, boca relativamente estreita, sem marcas de fogo ou outras características que indiquem tratar-se de um recipiente próprio para ir ao lume.
- **Cântaro:** Vasilha fechada, de forma ovóide, com asas, um gargalo e boca relativamente estreitos para que o líquido se não verta.
- **Cantil:** Forma fechada de corpo geralmente lenticular, com uma ou várias bocas estreitas.
- **Indeterminado**

3.1.2. Louça de cozinha

Variantes pré-definidas: (Figura 1)

- **Panela:** Forma fechada, de corpo globular e colo diferenciado, uma ou duas asas, e boca de tamanho médio, que pode ser facilmente tapada. Costuma apresentar marcas de fogo.
- **Caçoila:** Forma aberta, de corpo mais largo do que alto, de tendência cilíndrica ou tronco-cónica invertida. Costuma apresentar marcas de fogo.
- **Alguidar:** Recipiente aberto de corpo cilíndrico ou em tronco-cónico invertido.
- **Almofariz:** Forma aberta, de corpo tendencialmente cilíndrico e paredes grossas, resistentes aos golpes.
- **Fogareiro:** Objecto constituído por um corpo superior aberto para conter as brasas. Uma grelha separa este corpo da fornalha inferior onde se depositam as cinzas.
- **Funil:** Objecto de corpo cónico, geralmente com um elemento tubular na parte estreita.
- **Indeterminado**

3.1.3. Louça de mesa

Variantes pré-definidas: (Figura 2)

- **Bilha:** Forma fechada, de tamanho pequeno ou médio, de corpo globular, gargalo e boca estreitos e com uma ou duas asas.
- **Garrafa:** Forma de corpo globular, gargalo e boca estreitos, mas sem asas e sem bico.
- **Jarro:** Forma fechada, de tamanho médio, de corpo globular com uma única asa.

- **Púcaro:** Pequeno jarro (inferior a 10 cm de altura) com forma fechada de tendência globular, colo diferenciado e uma única asa.
- **Jarra:** Objecto de forma fechada, tamanho médio, corpo de tendência globular, colo e boca relativamente largos e duas ou mais asas.
- **Copo:** Pequeno recipiente, corpo cilíndrico ou globular, com ou sem asa e de uso individual.
- **Taça:** Forma aberta, de corpo semi-esférico, de reduzidas dimensões (diâmetro da boca inferior a 150 mm).
- **Tigela:** Forma aberta de corpo semi-esférico e de tamanho variável mas de diâmetro da boca superior a 150 mm.
- **Terrina:** Forma aberta, corpo semi-esférico ostentando bordo adaptável a tampa.
- **Prato:** Forma muito aberta para servir alimentos, em que a altura é inferior a um quarto do diâmetro do bordo.
- **Indeterminado**

3.1.4. Objectos de iluminação

Variantes pré-definidas: (Figura 3)

- **Candeia:** Objecto de iluminação ostentando depósito aberto.
- **Candil:** Objecto de iluminação ostentando depósito fechado.
- **Candeia de pé:** Objecto de iluminação ostentando depósito aberto suportado por um pé alto.
- **Lanterna:** Forma fechada, de corpo tendencialmente globular com orifício central destinado a iluminar em espaços abertos.
- **Indeterminado**

3.1.5. Objectos de uso doméstico indeterminado

Variantes pré-definidas: (Figura 3)

- **Baclo:** Forma aberta de grandes dimensões, corpo cilíndrico e alto.
- **Braseiro:** Forma aberta, tendencialmente em tronco de cone invertido, com marcas de fogo no interior.
- **Mealheiro:** Forma completamente fechada e globular, com uma pequena ranhura por onde se introduzem as moedas.
- **Tampa:** Forma circular destinada a cobrir a

boca de um recipiente. Uma pequena pega remata o seu ponto central.

- **Indeterminado**

3.1.6. Instrumentos de uso agrícola e artesanal

Variantes pré-definidas: (Figura 4)

- **Alcatruz:** Forma fechada, cilíndrica ou cónica, com um sulco marcado ou mais na superfície para fixar as cordas que o prendem à nora.
- **Bocal de Poço:** Peça cilíndrica de grandes dimensões para proteger a boca de um poço e ajudar na tarefa de extrair a água.
- **Vaso:** Objecto cilíndrico ou troncocónico invertido destinado ao cultivo de plantas. Costuma apresentar orifícios para drenagem da água remanescente.
- **Tina:** Grande recipiente (superior a 500 mm de diâmetro) de forma cilíndrica ou troncocónica invertida.
- **Trempe:** Objecto composto (geralmente) por três corpos unidos por uma das partes e com um pequeno pé cónico no outro extremo. Utilizado em olaria para separar as peças no forno.
- **Barra:** Objecto cilíndrico maciço destinado a encaixar nas paredes de um forno de barras e sustentar as peças que vão ser cozidas.
- **Disco:** Objecto em forma de disco maciço, de grande dimensão (aproximadamente 15 cm) utilizado nas actividades oleiras ou como suporte para enfornamento de alimentos (pão).
- **Tinteiro:** Objecto de corpo cilíndrico com um elemento tubular (ou vários) no interior da boca destinados a introduzir o aparo.
- **Condensador de alambique:** Objecto em forma de sino com um elemento tubular para saída do líquido que se condensa na campânula.
- **Caldeira de alambique:** Forma fechada, tendencialmente cilíndrica ou piriforme, com base em forma de calote esférica e moldura na parte superior. Destinada a encaixar o condensador.
- **Tubo de alambique:** Forma cilíndrica, alongada e estreita, para condução dos líquidos desde o condensador.
- **Indeterminado**

3.1.7. Objectos de uso lúdico e ritual

Variantes pré-definidas: (Figura 3)

- **Pedras de jogo:** Peças de forma circular, que normalmente se obtêm afeiçoando pedaços de cerâmica.
- **Pia de ablucões:** Forma aberta de grandes dimensões, rectangular, poligonal ou polilobulada. Costuma reproduzir em cerâmica protótipos em mármore.
- **Tambor:** Objecto musical de percussão constituído por um tubo tendencialmente cilíndrico, com duas partes desiguais em que uma delas é coberta por uma pele bem esticada.
- **Indeterminado**

3.1.8. Materiais de construção

Variantes pré-definidas: (Figura 3)

- **Telha:** Objecto semi-cilíndrico utilizado na construção de telhados e circulação de águas.
- **Tijolo:** Placa ou paralelepípedo maciço destinado a erguer paredes, recobrir abóbadas ou revestir pavimentos.
- **Ladrilho:** Placa maciça para revestimento de solos.
- **Cano /Atanor:** Tubo cilíndrico destinado a formar canalizações.
- **Indeterminado**

4. MORFOLOGIA

Segue-se um conjunto de campos destinados à descrição morfológica da peça. Para essa descrição seguiu-se a habitual divisão do objecto nas suas diferentes partes. Cada uma delas foi identificada, na medida do possível, através da forma geométrica mais aproximada.

4.1. Bordo

Um primeiro campo define a orientação geral do bordo. Variantes pré-definidas: (Figura 5)

- Introvertido
- Vertical
- Extrovertido
- Indeterminado

4.2. Lábio

Define a forma como o bordo se encontra

rematado. Variantes pré-definidas: (Figura 5)

- Arredondado
- Plano
- Biselado
- Afilado
- Espessado
- Semicircular
- Triangular
- Quadrangular
- Aba
- Inflexão dupla
- Indeterminado

4.3. Boca

Define a forma da abertura da boca numa perspectiva zenital. Variantes pré-definidas: (Figura 5)

- Circular
- Oval
- Polilobulada
- Rectangular
- Quadrangular
- Poligonal
- Indeterminado

4.4. Colo

Define a forma geral desta parte da peça.

Variantes pré-definidas: (figura 6)

- Cilíndrico recto
- Cilíndrico curvo
- Troncocónico recto
- Troncocónico curvo
- Troncocónico invertido recto
- Troncocónico invertido curvo
- Bitroncocónico recto
- Bitroncocónico invertido recto
- Indeterminado

4.5. Corpo

Descreve a forma geral do corpo. Variantes pré-definidas: (Figura 6)

- Cilíndrico
- Globular
- Troncocónico
- Troncocónico invertido
- Bitroncocónico
- Bitroncocónico invertido
- Ovóide
- Calote ovóide

- Calote esférica
- Piriforme
- Piriforme invertido
- Indeterminado

4.6. Carena

Descreve eventuais inflexões bruscas no corpo da peça. Variantes pré-definidas: (Figura 6)

- Alta suave
- Média suave
- Baixa suave
- Alta marcada
- Média marcada
- Baixa marcada
- Dupla suave
- Dupla marcada

4.7. Asa

Descreve a orientação das asas da peça.

Variantes pré-definidas: (Figura 7)

- Vertical
- Horizontal
- Diagonal
- Zenital
- Sobrelevada

4.8. Número de asas

Campo numérico de preenchimento livre.

4.9. Localização da asa

Indica os locais em que a asa está unida ao corpo da peça.

4.10. Junção superior

Variantes pré-definidas:

- Base
- Carena
- Colo
- Corpo
- Lábio
- Ombro

4.11. Junção inferior

Variantes pré-definidas:

- Base

- Carena
- Colo
- Corpo
- Lábio
- Ombro

4.12. Secção da asa

Indica a forma do corte transversal da asa.

Variantes pré-definidas: (Figura 7)

- Circular
- Oval
- Triangular
- Fitiforme
- Fitiforme com nervura(s)
- Duplo círculo
- Indeterminado

4.13. Pega

Variantes pré-definidas: (Figura 7)

- Botão
- Mamilo
- Aleta
- Indeterminado

4.14. Cabo

Variantes pré-definidas: (Figura 7)

- Cilíndrico
- Tubular
- Indeterminado

4.15. Bico

Variantes pré-definidas: (Figura 8)

- Cilíndrico
- Pinçado
- Rectangular
- De candil
- Indeterminado

4.16. Base/Pé

Descreve a forma da base. Variantes pré-definidas: (Figura 8)

- Convexa
- Plana
- Côncava
- Em ônfalo
- Pé anelar

- Em bolacha
- Pé alto maciço
- Pé alto sobre prato de sustentação
- Indeterminado

4.17. Pé anelar

Descreve a forma da base. Variantes pré-definidas: (Figura 8)

- Alto vertical
- Baixo vertical
- Alto diagonal
- Baixo diagonal
- Moldurado
- Indeterminado

5. MEDIDAS

Seguem-se os campos destinados às dimensões da peça. As diferentes medidas são expressas em milímetros evitando possíveis confusões com a utilização de vírgulas ou pontos para a separação das unidades dos decimais.

5.1. Diâmetro do bordo

Campo numérico de preenchimento livre.

5.2. Diâmetro da base

Campo numérico de preenchimento livre.

5.3. Largura

Campo numérico de preenchimento livre.

5.4. Comprimento

Campo numérico de preenchimento livre.

5.5. Espessura da parede

Campo numérico de preenchimento livre.

5.6. Espessura das asas

Campo numérico de preenchimento livre.

6. REFERÊNCIAS

Seguem-se dois campos destinados às referências

da peça em relação à bibliografia. As referências são feitas segundo o modelo americano (AUTOR, ANO: PÁGINA) e devem encontrar correspondência com a base de dados bibliográfica.

6.1. Referências

Publicações em que a peça é descrita ou referida de forma extensa. Campo de texto de preenchimento livre.

6.2. Paralelos

Peças semelhantes encontradas em outros sítios arqueológicos. Campo de texto de preenchimento livre.

7. CRONOLOGIA

Seguem-se três campos destinados a enquadrar cronologicamente a peça com a maior precisão possível.

7.1. Século

Deve ser utilizado apenas quando há certeza do século preciso. Variantes pré-definidas:

- VIII
- IX
- X
- XI
- XII
- XIII

7.2. Temporal

Fracção de século de produção da peça. Deve ser utilizado apenas quando foi preenchido o campo anterior e há certeza da fracção de século. Variantes pré-definidas:

- Inícios
- Meados
- Finais
- 1^a Metade
- 2^a Metade

7.3. Período histórico

Deve ser utilizado quando não é possível estabelecer de forma precisa em que século foi produzida a peça. Variantes pré-definidas:

- Emiral
- Emiral/Califal
- Califal
- Califal/Taifa
- Almorávida
- Almóada
- Indeterminado

8. DADOS DE PREENCHIMENTO

Seguem-se dois campos referidos à organização interna do *Corpus*:

8.1. Data

De preenchimento da ficha. Campo de preenchimento livre.

8.2. Responsável

Pelo preenchimento da ficha. Campo de preenchimento livre.

9. TÉCNICAS DE FABRICO

Segue-se um conjunto de campos destinados a descrever as técnicas utilizadas no fabrico da peça.

9.1. Técnica de fabrico

Utilizada para dar a forma à peça. Variantes pré-definidas:

- Manual
- Torneado lento
- Torneado rápido
- Misto
- Indeterminado
-

9.2. Cozedura

Destinado a descrever o ambiente em que foi cozida a peça no forno. Variantes pré-definidas:

- Redutor
- Oxidante
- Redutor / oxidante (interior)
- Oxidante / Redutor (interior)
- Oxidante Irregular
- Redutor irregular

9.3. Acabamento interior dominante

9.4. Acabamento exterior dominante

Variantes pré-definidas para estes dois campos são:

- Alisado
- Barbotinado
- Brunido
- Engobado
- Espatulado
- Grossheiro
- Pintado
- Vidrado

Seguem-se dois campos destinados a descrever os defeitos ocasionados durante o processo de fabrico da peça.

9.5. Defeitos de fabrico

Defeitos ocasionados durante o processo de fabrico da peça. Variantes pré-definidas:

- Cozedura irregular
- Deformado
- Marca de trempe
- Vidrado colado a outra peça no forno
- Escorrência de vidrado para exterior do desenho
- Vidrado incompleto

10. TÉCNICA DE ORNAMENTAÇÃO INTERNA / EXTERNA

Seguem-se vários campos destinados a descrever a ornamentação do objecto. Os campos repetem-se para o interior e para o exterior.

10.1 Técnicas de ornamentação interna

10.2. Técnicas de ornamentação externa

Permite a introdução de várias técnicas em cada peça. Variantes pré-definidas:

- Aplicação plástica
- Barbotina
- Canelura
- Corda seca
- Digitção
- Engobe
- Esgrafitada
- Estampilha
- Excisão
- Incisão
- Molde
- Pintura
- Recorte

- Roleta
- Vidrado

Seguem-se vários campos destinados a especificar variantes dentro de algumas técnicas ornamentais.

10.1.1. Vidrado

Descreve o tipo de combinação cromática do vidrado. Variantes pré-definidas:

- Monocroma
- Bicroma
- Policroma

10.1.2. Pintura

Descreve o tipo de combinação cromática da pintura. Variantes pré-definidas:

- Monocroma
- Bicroma
- Policroma

10.1.3. Corda seca

Descreve o tipo de técnica de corda seca utilizado. Variantes pré-definidas:

- Parcial
- Total

10.3. Cor da ornamentação no interior

10.4. Cor da ornamentação no exterior

Elenca as cores utilizadas na ornamentação. Podem ser acrescentadas as várias cores presentes na ornamentação. Variantes pré-definidas:

- Alaranjada
- Amarela
- Azul
- Bege
- Branca
- Castanha
- Cinzenta
- Cinzenta acastanhada
- Dourada
- Melada
- Melada acastanhada
- Melada esverdeada
- Preta
- Rosada
- Verde
- Vermelha

10.5. Motivo ornamental interior

10.6. Motivo ornamental exterior

Elenca os motivos utilizados na ornamentação. Podem ser acrescentados os vários motivos presentes na ornamentação. Variantes pré-definidas:

- Antropomórfico
- Arquitectónico
- Círculos
- Cordão digitado
- Epigráfico
- Estrelado
- Fitomórfico
- Pingos
- Reticulado
- Traços curvos
- Traços diagonais
- Traços horizontais
- Traços verticais
- Ziguezague
- Zoomórfico

10.7. Localização da ornamentação no interior

10.8. Localização da ornamentação no exterior

Permite especificar em que partes da peça se localiza a decoração. Variantes pré-definidas:

- Asa
- Bordo
- Colo
- Corpo
- Fundo
- Lábio
- Totalidade da peça

11. ALTERAÇÕES PÓS FÁBRICO

Seguem-se dois campos destinados a descrever as alterações que a peça sofreu após a conclusão do processo de fabrico.

11.1. Alterações pós fabrico

Indica a causa da alteração da peça. Variantes pré-definidas:

- Utilização
- Recuperação
- Tafonómicas
- Outras

- Indeterminadas

11.2. Tipo de alteração

Especifica o tipo de alteração que foi produzida.
Variantes pré-definidas:

- Concreções
- Cortada / Burilada
- Deteriorada
- Grafitos
- Patine
- Perfurada
- Queimada
- Reparada (gatos)

12. REPRESENTAÇÕES GRÁFICAS

Seguem-se dois campos para alojar as representações gráficas do objecto.

12.1. Desenho

Campo para alojamento de imagens.

12.2. Fotografia

Campo para alojamento de imagens.

13. OBSERVAÇÕES

Finalmente, inclui-se um campo de preenchimento livre destinado a observações onde podem ser anotadas as informações que, pela sua especificidade, não têm entrada nos outros campos, bem como as apreciações mais subjectivas relativas à peça.

4. Conclusões

Não pretendemos com este trabalho impor qualquer metodologia de estudo ou terminologia aos investigadores que se debruçam sobre este tema de estudo. Contudo, a necessidade, nascida no seio do nosso grupo de trabalho, de unificar critérios metodológicos e falar numa linguagem clara e unívoca, levou-nos a este esforço de uniformização, que pensamos pode ser útil também a outros investigadores. Além disso, o uso sistemático dos mesmos termos por parte dos investigadores facilitará a leitura dos trabalhos

científicos, permitindo uma difusão muito mais fiável dos dados e, em consequência, facilitando as tentativas de elaboração de sínteses.

5. Bibliografia

- Basílio**, Lília; Neves, Maria João e Almeida Miguel (2006) – Os materiais cerâmicos da “Lixeira 2” da “Pensão Castelo” – Novos dados sobre a ocupação islâmica de Tavira. *Xelb*. Silves: Câmara Municipal de Silves. Nº 6. Vol. II (2006), pp. 105-114.
- Bazzana**, André (1987) - Una noria árabe en la huerta de Oliva (Valencia). In *II Congreso de Arqueología Medieval Española*. Madrid, 1987. Tomo II. pp. 421-432.
- Bugalhão**, Jacinta et alii (2008) – Produção e consumo de cerâmica islâmica em Lisboa: conclusões de um projecto de investigação. *Arqueologia Medieval*. Porto: Edições Afrontamento. Nº 10 (2008), pp. 113-134.
- Catarino**, Helena (1997-1998) - O Algarve Oriental durante a ocupação islâmica. Povoamento rural e recintos fortificados. *al-'ulyā*. Loulé. Nº 6 (1997/1998), 3 vols., 1306 págs.
- CICMM** (1991) – *A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo*. Lisboa, 1987. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, 1991.
- Cavaco**, Sandra e Covaneiro, Jaquelina (2010) – Materiais cerâmicos provenientes de um silo do Bairro Almóada do Convento da Graça – Tavira. *Arqueologia Medieval*. Porto: Edições Afrontamento. Nº 11 (2010), pp. 000-000.
- Dias**, Maria Isabel; Prudêncio, Maria Isabel e Gouveia, Maria Ângela (2001) – Arqueometria de cerâmicas islâmicas das regiões de Lisboa, Santarém e Alcácer do Sal (Portugal): caracterização química e mineralógica. In *Garb, Sítios Islâmicos do Sul Peninsular*. Lisboa: IPPAR/ Junta de Extremadura. pp. 257-281.
- Dias**, M. Isabel et alii (2009) - "A produção de cerâmicas no arrebalde ocidental da Lisboa islâmica. Primeiros resultados arqueométricos.". In *Actas do 4º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Vol. XI - A ocupação islâmica da Península Ibérica. Promontoria Monográfica. Universidade do Algarve. pp. 157-167.
- Fernandes**, Isabel Cristina (2004) – *O Castelo de Palmela, do islâmico ao cristão*. Lisboa: Edições Colibri/Câmara Municipal de Palmela.
- Gomes**, Ana et alii (2005) – Cerâmicas medievais

de Lisboa - continuidades e rupturas. In *Actas do Seminário "Muçulmanos e cristãos entre o Tejo e o Douro (Sécs. VIII a XIII)"*. Palmela/Porto: Câmara Municipal de Palmela / Faculdade de Letras do Porto. pp. 221-236.

Gomes, Rosa Varela (2002) - Silves (Xelb), uma cidade do Gharb al-Ândalus: território e cultura, *Trabalhos de Arqueologia*, nº23. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

Gomes, Rosa Varela (2006) - Silves (Xelb), uma cidade do Gharb al-Ândalus: o núcleo urbano, *Trabalhos de Arqueologia*, nº44, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa.

Gómez-Martínez, Susana (2006) – *Cerámica Islámica de Mértola: producción y comercio*. [Recurso electrónico] Madrid: Servicio de Publicaciones de la Universidad Complutense de Madrid, 2006. Disponível em <http://www.ucm.es/BUCM/tesis/ghi/ucm-t27826.pdf>.

Maia, Maria et alii (2003) – *Tavira. Território e poder*. Catálogo da Exposição. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia / Câmara Municipal de Tavira.

Maia, Maria Garcia Pereira (2004) - O Vaso de Tavira e o seu contexto. In *Portugal, Espanha e Marrocos. O Mediterrâneo e o Atlântico. Actas do Colóquio Internacional Universidade do Algarve*, Faro, Portugal, 2, 3 e 4 de Novembro de 2000. Faro: Universidade do Algarve. pp. 143-166.

Matos, José Luís (1991)– Cerâmica muçulmana do Cerro da Vila. In *IV Congresso Internacional, a cerâmica medieval no Mediterrâneo Ocidental*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola. pp. 429-472.

Paixão, António Cavaleiro e Carvalho, António Rafael (2001)– Cerâmicas Almóadas de Al-Qasr Al-Fath (Alcácer do Sal). In *Garb, Sítios Islâmicos do Sul Peninsular*. Lisboa: IPPAR/ Junta de Extremadura. pp. 199-229.

Ramalho et alii (2001)– Vestígios da Santarém islâmica no Convento de São Francisco. *Arqueologia Medieval*. Porto: Edições Afrontamento. Nº 7 (2001), pp. 147-183.

Rosselló-Bordoy, Guillermo (1978) – *Ensayo de sistematización de la cerámica árabe de Mallorca*. Palma de Mallorca.

Rosselló-Bordoy, Guillermo (1991) – *El nombre de las cosas en al-Andalus: Una propuesta de terminología cerámica*. Palma de Mallorca: Sociedad Arqueológica Luliana y Museo de Mallorca. 225 págs.

Torres, Cláudio; Gómez, Susana e Ferreira, Manuela Barros (2003) – Os nomes da cerâmica medieval. Inventário de termos. In. *Actas das 3^{as} Jornadas*

de cerâmica medieval e pós-medieval, métodos e resultados para o seu estudo

Tondela: Câmara Municipal de Tondela. pp. 125-134.

Viegas, Catarina e Arruda, Margarida (1999) – *Cerâmicas Islâmicas da Alcáçova de Santarém*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. Nº 2: 2 (1999), p. 105-186.

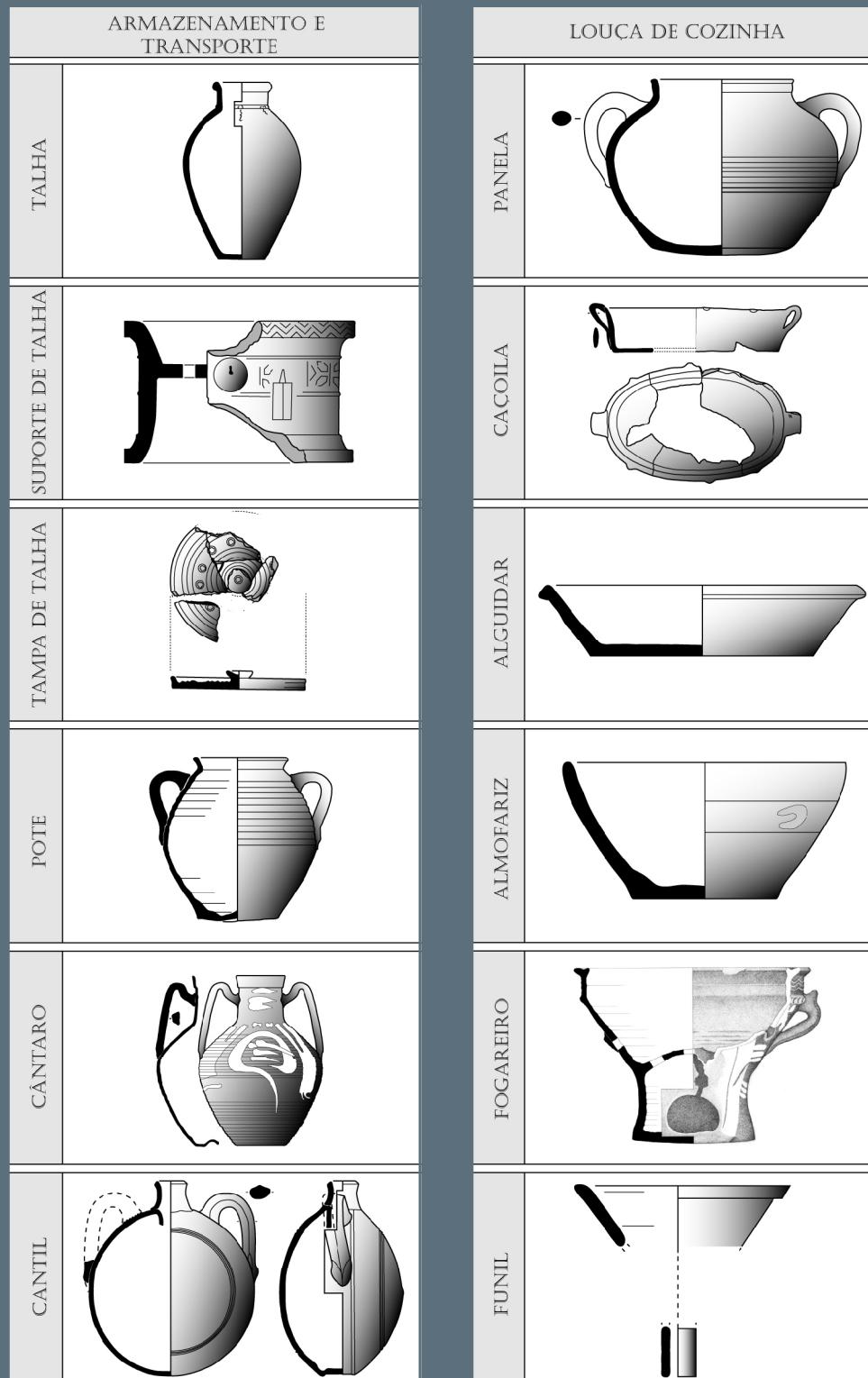


Fig. 1 - Exemplos gráficos das variantes pré-definidas. Desenhos adaptados de peças de Tavira (Cantil), Setefilla (Almofariz segundo Rosselló-Bordoy, 1991: 169), Alcalá de Henares (Funil segundo Rosselló-Bordoy, 1991: 172) e Mértola (restantes peças). Desenhos adaptados por Nélia Romba (CAM).

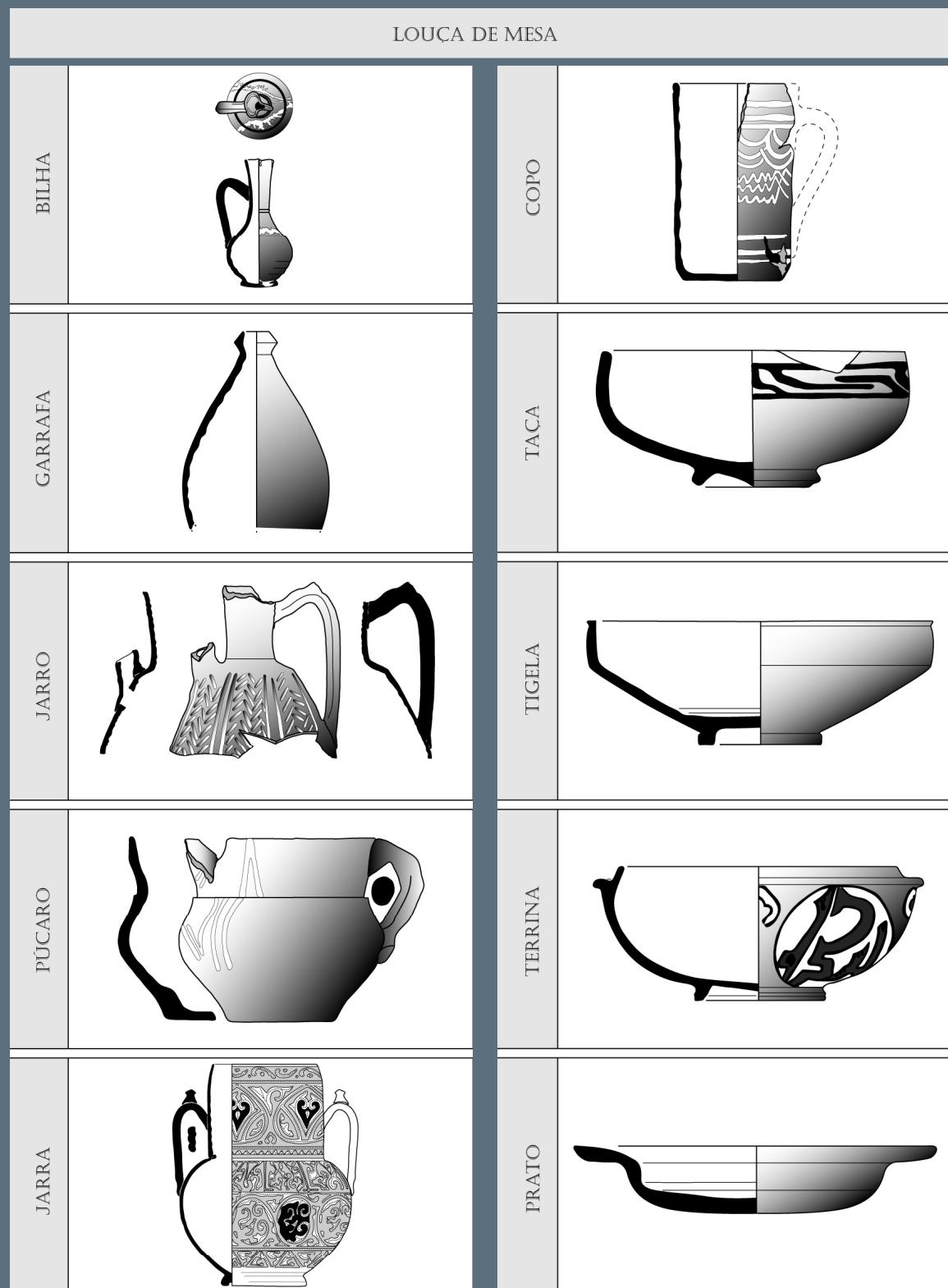


Fig. 2 - Exemplos gráficos das variantes pré-definidas. Desenhos adaptados de peças de Mértola. Desenhos adaptados por Nélia Romba (CAM).

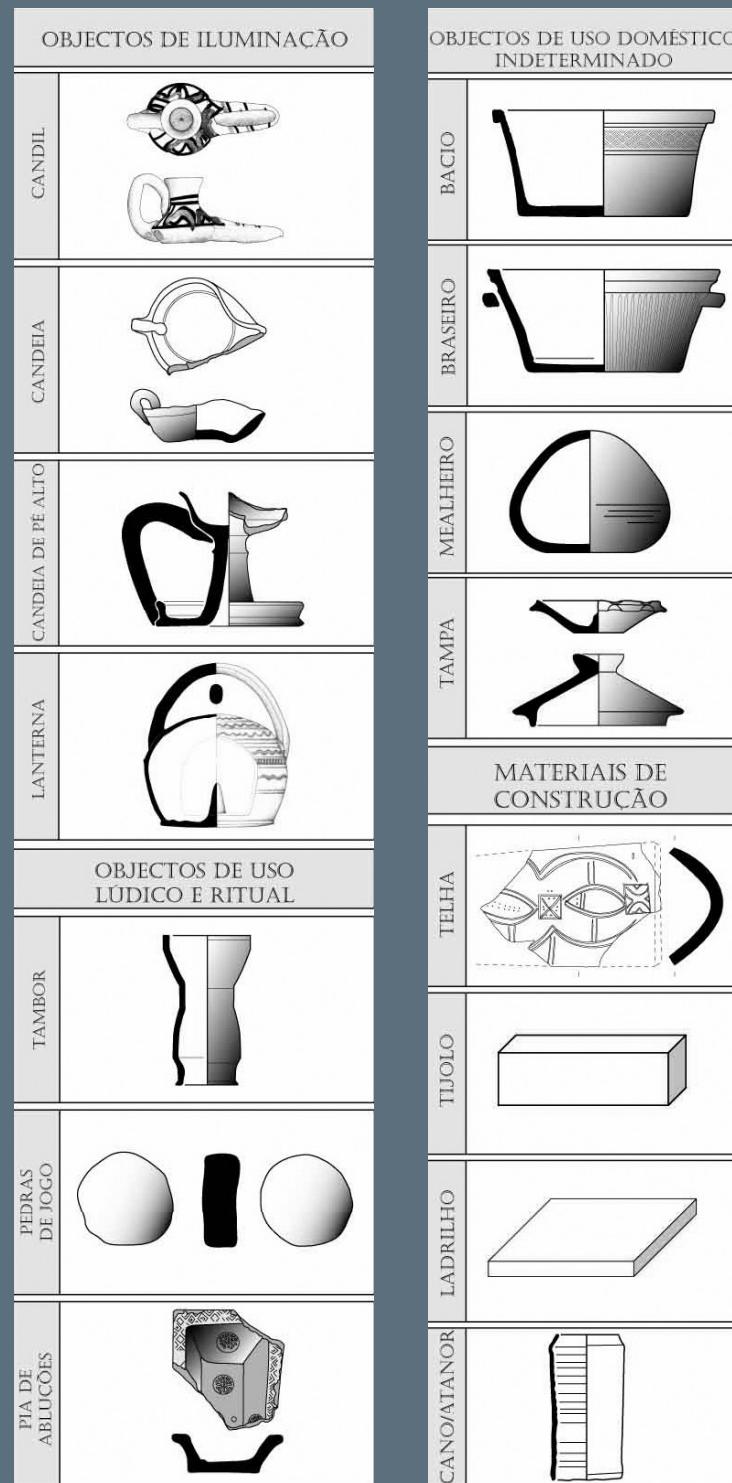


Fig. 3 - Exemplos gráficos das variantes pré-definidas. Desenhos adaptados de peças de Bataiguier (Tambor segundo Rosselló-Bordoy, 1991: 177), Tavira (Pedra de jogo e cano/utanor), Museo Arqueológico Nacional de Madrid (Mealheiro segundo Rosselló-Bordoy, 1991: 173) e Mértola (restantes peças). Desenhos adaptados por Nélia Romba (CAM).

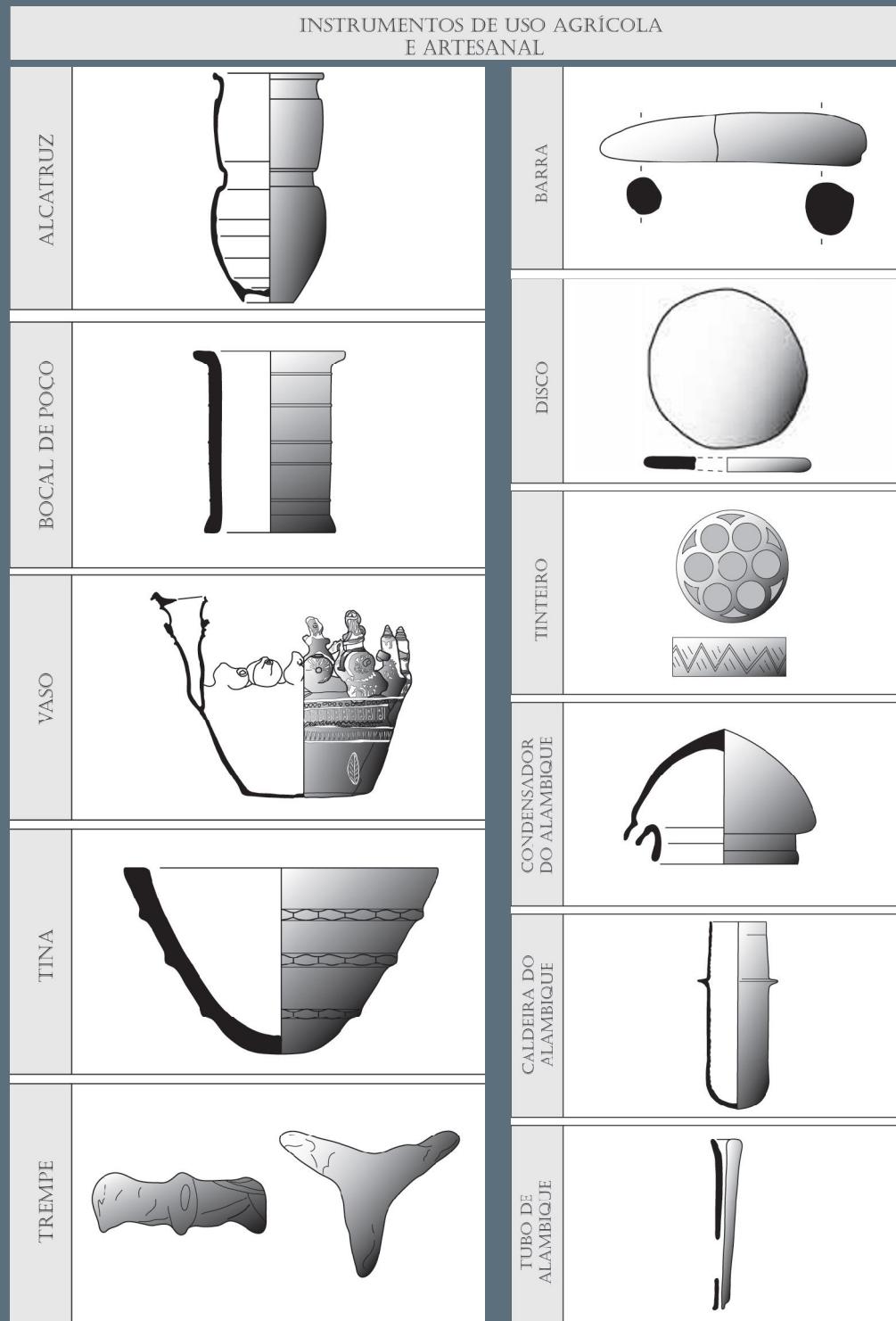


Fig. 4 - Exemplos gráficos das variantes pré-definidas. Desenhos adaptados de peças de Valencia (Alcatruz segundo Bazzana 1987 e Condensador e Tubo de alambique segundo Armengol Machì e Lerma Alegria), Ceuta (Bocal de poço segundo Rosselló-Bordoy, 1991: 175), Tavira (Vaso segundo Maia, 2004), Museo Arqueológico Nacional de Madrid (Mealheiro segundo Rosselló-Bordoy, 1991: 173), Silves (Tina), Lisboa (Trempe, Barra e Disco) e Mértola (restantes peças). Desenhos adaptados por Nélia Romba (CAM).

Fig. 5 - Exemplos gráficos das variantes pré-definidas.

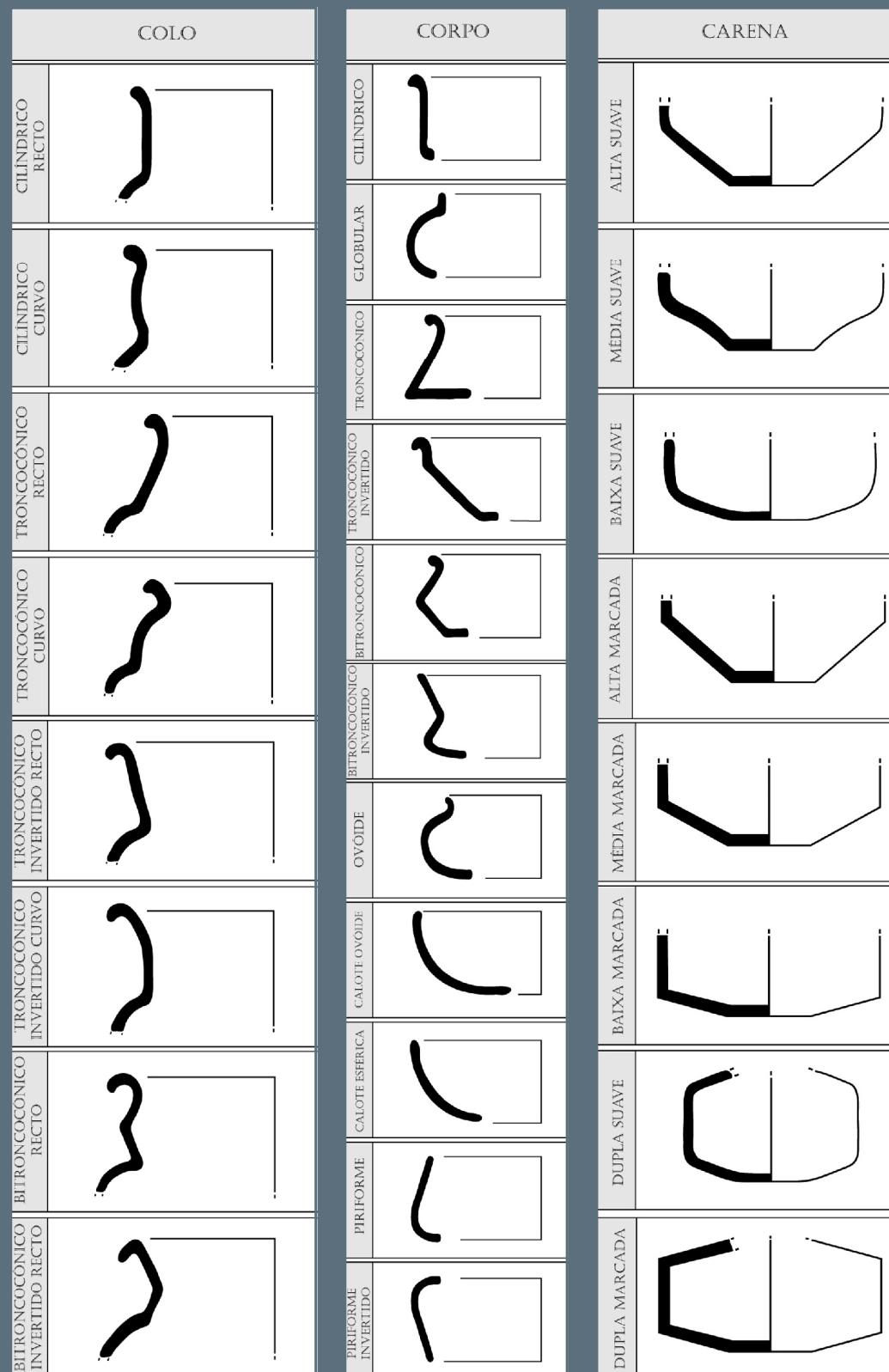


Fig. 6 - Exemplos gráficos das variantes pré-definidas.

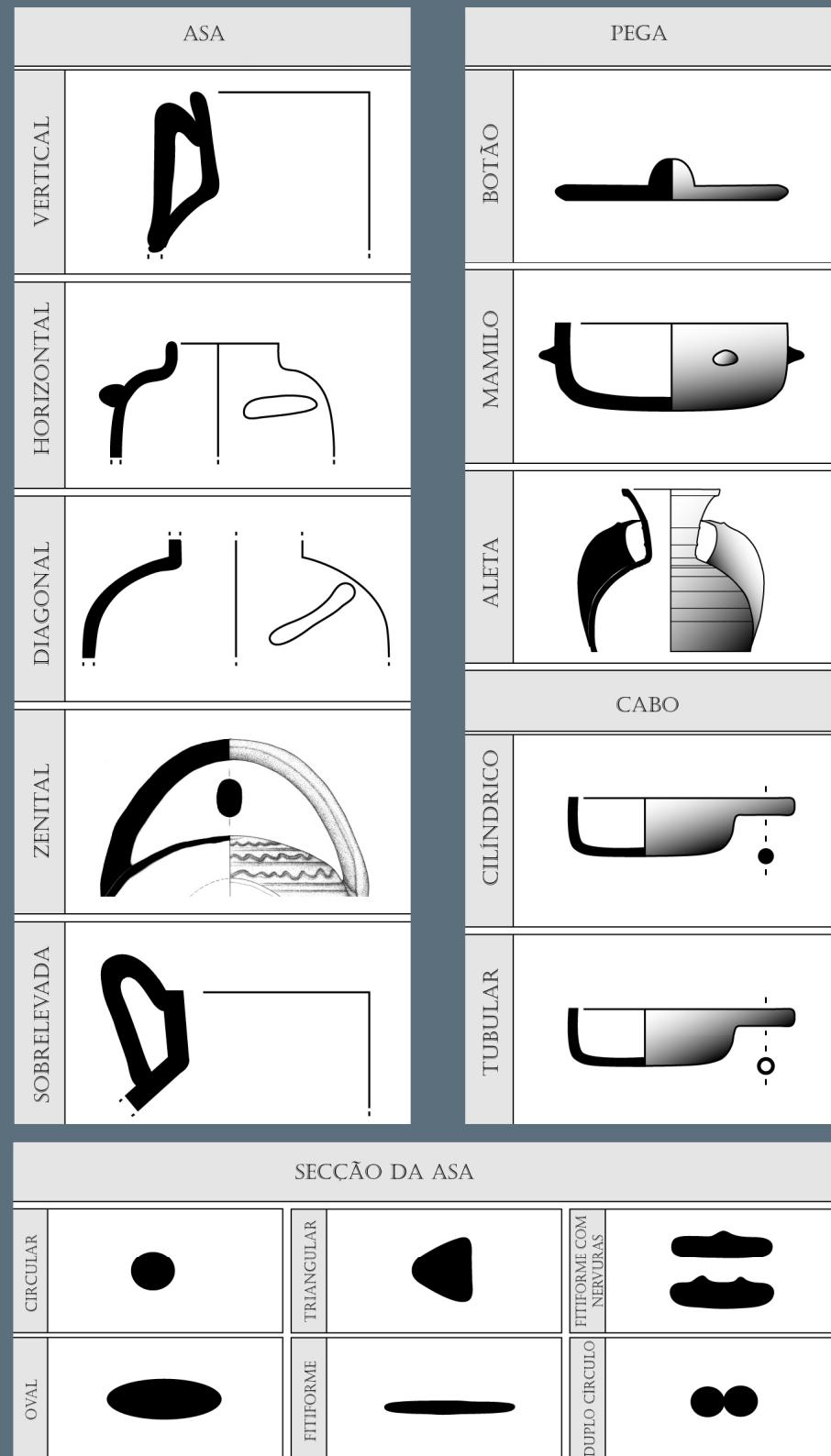


Fig. 7 - Exemplos gráficos das variantes pré-definidas.

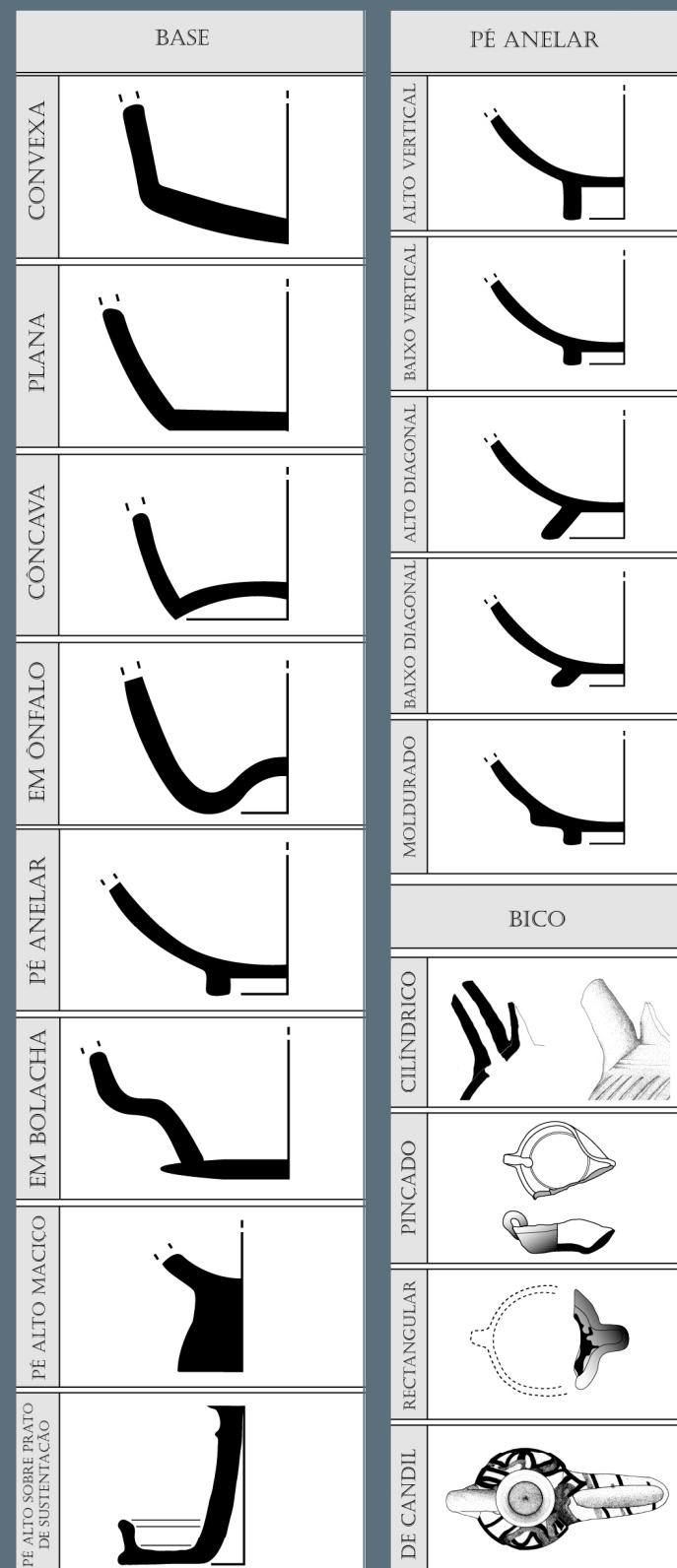


Fig. 8 - Exemplos gráficos das variantes pré-definidas.